

Gêneros literários

Cícero Galeno Lopes

A palavra *gênero* se originou do substantivo latino *generu(m)*, que significa família, raça. Mais remotamente, o radical, *genus, -eneris* (lat.), comunicava várias ideias, como nascimento, descendência, origem. *Generu* se radica em *genos, -eos* (gr.). Daí nasceram vários termos que empregamos diariamente, como gen, genitália, genitor, gênese, gente, congênere, degenerar, indígena etc. Na teoria e na crítica literárias, pelo que se sabe, os primeiros a tratar da questão foram os gregos da Antiguidade. Nesse âmbito, a palavra passou a designar grandes grupos de textos, que se identificam a partir da *geração*, vale dizer, da *concepção* de cada texto. Os estudos indicam que os gêneros se estabelecem por temáticas, mas principalmente pelas formas discursivas em que são tecidos os textos. O modo como é tecido o texto permite que seja identificado o gênero que ele integra. Assim se fizeram as famílias de textos. A partir disso é que podemos agora refletir a respeito do tema.

Foram os românticos, iniciadores efetivos do que se conhece como Modernidade, que conseguiram subverter as concepções antigas, que se mantiveram até o Renascimento. No nosso caso, isso se deu até, aproximadamente, ao início das manifestações arcádicas. Alguns árcades brasileiros mexeram nas formas antigas, como fez Basílio da Gama no poema épico *O Uruguai* (1769). Os românticos misturaram gêneros, espécies e *fôrmas* antigos e produziram outros. Assim nasceram o drama e o romance. Os românticos partiram do princípio de que os gêneros não são puros. Hoje temos isso bastante claro: não há nada puro nem completo nem perfeito. Pureza, completude e perfeição são idealidades. Basta lembrar que quem primeiro escreveu sobre a questão dos gêneros, na qualidade de diferentes entre si (pelo menos é o que se sabe), foi Platão (427-347 aC), que introduziu a noção de *ideia* (*idea*), como entidade superior à matéria corporal. Daí se originou o que se tem denominado idealismo platônico.

O desenvolvimento das ciências da natureza, no século 19, contribuiu para que os teóricos das artes, entre as quais se inclui a literatura, aplicassem noções e

conceitos dessa origem. Assim, sob as concepções positivistas, o Realismo acolheu princípios classificatórios das ciências então denominadas positivas. Disso se origina a subdivisão dos gêneros em espécies; as espécies, em fôrmas ou formas, no sentido primitivo da palavra: como formas fechadas ou mais ou menos fechadas. A tripartição genérica se fundamenta na natureza das obras unitárias, predominantemente líricas ou épicas ou dramáticas. A tríade genérica (lírico, épico, dramático) pode ter sido assentada, como concepção ontológica, na tríade genital humana, que ocorre em forma geométrica triangular. Há quem represente assim também a constituição divina e, por consequência, o “olho de Deus”, que é representado em forma igualmente triangular.

Depois de vigência, por aproximadamente um mil e oitocentos anos, da ideia de gêneros estanques, eles passaram a ser entendidos como (cito Moisés) “imanes e transcendentais às obras”. Vale dizer: ao mesmo tempo os textos se adequam aos gêneros e os subvertem, ou seja, partem deles e os ultrapassam. Por isso, não há possibilidade de qualquer obra representar exclusiva e cabalmente um gênero; em decorrência, tampouco podem exemplificar integralmente uma espécie ou uma forma. Conforme já ficou comentado, pureza é impraticável em qualquer caso. Assim se cruzam, na realização dos textos, o que se conhece como lirismo, epopeia e drama. Haja vista famosos epopeias e poemas épicos, como *Os lusíadas* e *O Uruguai*. No poema lusitano, é sempre citado, com esse propósito, o episódio de Inês de Castro; no brasileiro, o de Lindoia. (É digno de nota o fato de o episódio de Inês de Castro ter circulado, antes de aparecer no poema camoniano, como romance velho.)

Parece que a concepção de gênero, embora a palavra gênero possa um dia ser substituída, é permanente. Basta, para essa conclusão, que se considerem as condições cerebrais e sentimentais humanas, já que o homem é dado à ordem e à paixão, respectivamente. Significa isso dizer que o processo de produção dos textos literários, em qualquer gênero, é simultaneamente dedutivo e indutivo, dialógico e dialético. Os gêneros e suas subdivisões são, por consequência, categorias relativas e não regras fixas. Eles se prestam inclusive como elemento de pré-comunicação entre o texto e o leitor. Quem, p. ex., se propõe ler um conto

sabe que não deve esperar um soneto. É que, acima de tudo, arte é forma. Para elucidar isso, consideremos a pedra na natureza e depois talhada. De pedra, vira estátua, p. ex., e desse modo passa a ser tratada; não mais pedra, mas estátua. O exemplo conhecido do personagem Pinóquio também é eloquente: o que faz da madeira Pinóquio não é a madeira, mas a forma.

Examinemos agora a concepção da gênese do texto literário. Vou experimentar expor uma possibilidade. O produtor do texto lê o mundo concreto-sensorial e o imaginário social (da sua cultura ou doutras) e os transforma em tecido de palavras, com as características peculiares ao que designamos como literário: o conjunto de marcas que constroem o que no século 20 se chamou de literaridade. O leitor do texto, por sua vez, o lê e o relaciona com o mundo concreto-sensorial que ele conhece e ao imaginário que o envolve culturalmente. Com isso constrói o que Carlos Fuentes (1969) denominou o real. Noutras palavras: a realidade mais o imaginário elaboram o real, que é o âmbito em que atuam as artes. Dizer *realidade mais imaginário* pode esconder simplificação. Esse é, na prática, de fato, um processo complexo, em que, a exemplo da trama do tecido do texto, tudo se trança indelevelmente e assim permanece. A habilidade no trançar é que costumamos chamar de arte. Toda essa reflexão leva a outra conclusão interessante: como arte é principalmente forma e como literatura é arte, literatura é principalmente forma. Por isso os gêneros são principalmente formas. Analisemos um exemplo comum: um texto jornalístico (prioritariamente comunicativo), sobre qualquer assunto, ao ser reescrito literariamente (marcas predominantemente expressivas), passa a ser outra coisa (impura). Ao alterar-lhe a forma do tecido – o discurso literário específico de cada texto – é possível classificar esse texto como literário e não mais como jornalístico. Que houve com ele? O que houve com ele foi que, para além do mundo concreto-sensorial, empregou-se o imaginário social e se acrescentaram a imaginação do produtor do texto e, depois, a do leitor. Sobretudo, o discurso foi trabalhado de forma peculiar. Por exemplo: ele ganhou em opacidade e polissemia. A leitura em cada uma dessas condições não se processa da mesma maneira. Não se entenda, porém, que o texto jornalístico ou mesmo o hoje por vezes mítico texto científico não

tenham também elementos do imaginário e da imaginação. As diferenças e as consequentes classificações se alicerçam nas predominâncias. Por isso é possível concluir que um gênero, uma espécie, uma fôrma são aquela, essa ou esta coisa, pela predominância de marcas que lhes for possível identificar.

A condição e a impureza dos gêneros, das espécies, das fôrmas, acaba, portanto, espero, de ter sido demonstrada.

Não gostaria de concluir estas reflexões sem tangenciar uma espécie narrativa prosaica: o conto. O conto é o ponto de partida do que se conhece hoje como literatura. Foi esse um dos motivos por que intitulei *Conto e ponto* o conto, que empresta o título ao meu primeiro livro de contos (*Conto e ponto*).

A palavra *conto* se radica em *computu(m)*, que originou o verbo *computare* (contar). O conto que atualmente nomeamos na literatura começou portanto na fala, no contar, na oralitura das culturas ainda ágrafas. São os contos as expressões oralitárias e literárias mais transmitas; por isso, mais conhecidas, ou populares, como também se costuma dizer. Contar é uma necessidade humana, porque, sem tramar palavras com palavras, não existe o real. Nosso conhecimento, antes e mesmo depois de ser experiência, é sobretudo linguagem. Sem linguagem verbal continuaríamos no começo. Existiríamos pelo que se denomina instinto e, como, p. ex., o João-Barreiro e a Joana-Barreira, continuaríamos fazendo a casinha sempre igual, sem imaginário nem imaginação. No mito de Adão e Eva (homem e mulher ou, ao pé da letra, *nascido da terra e raiz da vida*), na linguagem original em que foi vazado o texto inicial, coube ao primeiro homem a tarefa de nomear as coisas do mundo. (Millôr Fernandes humoristicamente atribuiu a Adão, a partir disso, a criação da metáfora.) Daí por que em todos os livros conhecidos considerados sagrados é comum a afirmação de que *no princípio era o verbo* (i. é, a palavra). Como ficou exposto, o princípio se dá pelo nomear e relacionar as coisas; doutra maneira dito, contar. Parece sintomático que a literatura gaúcha, consolidou-se a partir dos *Contos gauchescos* do nosso Lopes Neto.

Novelas e romances são, a rigor, sequências de contos (impropriamente), denominados capítulos. Duas obras brasileiras são exemplares nisso: *Vidas secas* (1938) de Graciliano Ramos e *O tatu* (1983) de Donald Schöler. Ainda quando uma obra dessas espécies não especifica capítulos, isso não significa que não seja construída sobre unidades de contar (contos), como se constata, p. ex., em *Memorial de Santa Cruz* (1983) de Sinval Medina, romance desenvolvido em único parágrafo. As novelas e os romances são construídos, portanto, sobre células narrativas, que são contos. Observe-se que o conto se identifica pela unidade temática, pela unicidade narrativa, pela coerência discursiva, pelo desenlace imediato, pelo pequeno número de personagens. No conto se conta um episódio de maneira sucinta, e a conclusão está próxima do clímax ou coincide com ele.

Há variada gama de formas de contos, como as lendas, os apólogos, as fábulas, as parábolas. As temáticas, portanto, não decidem a espécie (como não decidem os gêneros); a forma é que faz isso.

Referências

FUENTES, C. *La nueva novela hispanoamericana*. México: J. Mortiz, 1969.

MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1985. (Verbete *Gênero*.)

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Trad por Maria L de Moura. Rio de Janeiro: Ediouro, [s. d.].